

Science on inclusion, Inclusion in science

Paulo Granjo, Sofia Aboim, Alice Ramos (ICS-ULisboa)



ICS

Inside out, outside in: on liminal dynamics of inclusion and exclusion

- . Experiences from the Meheba Refugee Camp (**Pedro Figueiredo Neto**)
- . Long-distance nationalism (José Manuel Sobral)
- . The racialization of labour in Hawaiian plantations (Cristiana Bastos)
- . Refugees and the fringes of citizenship in Portugal (**Francesco Vacchiano**)
- . Opposition towards immigration (**Alice Ramos**)
- . Socially critical decisions towards low status groups (**Rui Costa Lopes et all**)
- . Media, context and contemporary movements across Atlantic (**Marta Rosales**)
- . Pursuing social inclusion in transnational migration (**Simone Frangella**)
- . Processes of ethnoheterogenesis (**Nina Clara Tiesler**)

- . The “Brasileiro”: a 19th century transnational category (**Isabel Corrêa da Silva**)
- . Reducing difference in the Portuguese empire? (Ângela Barreto Xavier)
- . In an out of history, in and out of historiography (**Filipa Lowndes Vicente**)
- . Why are caring masculinities so difficult to achieve? (**Vanessa Cunha *et al***)
- . Trans Masculinities (Sofia Aboim ***et al***)
- . Family and kinship in contemporary mobile world (**Marzia Grassi**)
- . Schools’ reputation (**Maria Manuel Vieira *et al***)
- . The activity of the R.A.I. and of the S.P.A.E. (**Patrícia Ferraz de Matos**)
- . Inclusion in workers’ cultures and their impacts (**Paulo Granjo *et al***)
- . Models of urban requalification under neoliberalism in Pt (**Sónia Alves *et al***)
- . Mapping “condomínios fechados” (**Simone Tullumello *et al***)
- . Physical and social access to food security (**Mónica Truninger *et al***)

***Inside out, outside in:
on liminal dynamics of inclusion and exclusion***

Código de cores:

Autores/as com vínculos precários

Autores/as com contrato estável

Autora com vínculo precário que emigrou

Código de cores:

Autores/as com vínculos precários

16 (+ 1 como co-autores) – 76,2% (81%)

Autores/as com contrato estável

4 (3 deles sem co-autores) – 19% (14,3%)

Autora com vínculo precário que emigrou

1 – 4,8%

Código de cores:

Autores/as com vínculos precários

16 (+ 1 como co-autores) – 76,2% (81%)

Autores/as com contrato estável

4 (3 deles **sem co-autores) – 19% (14,3%)**

Autora com vínculo precário que emigrou

1 – 4,8%

. 81% de artigos de autores precári@s

. 85,7% de artigos com autores precári@s

... um livro D.O.P.



no ICS-UL,
cerca de $\frac{3}{4}$ dos investigadores são precários
("Laboratório Associado", iFCT, bolseir@s)

Uma situação preocupante institucionalmente

Precariedade científica é grave em termos **sociais, humanos** e de **evolução científica** pessoal.

Mas é também um grave **problema institucional**, para um centro de pesquisa autónomo:

1. Obstáculo a programas de investigação de fôlego, que transcendam a “ciência normal”
2. Instabiliza programação a médio e longo prazo
3. Dificulta fixação de quadros mais competitivos
4. Obstáculo à renovação geracional e reprodução de cultura institucional

Só interessará a centros pseudo-privados, com docentes pagos pelo OE, pesquisando com base em batalhões de investigadores precários pagos pela FCT e projectos.



É um modelo repetitivo, falacioso e esgotado no seu potencial, que se alimenta da precariedade, precisa dele e a reproduz.

O que, *en passant*, permite compreender as **motivações** e obstinação em situações tão graves e estranhamente toleradas como:

1. Os bloqueios e atrasos na aplicação do **DL 57/2016**, com custos legalmente assumidos para a FCT
2. O muito generalizado boicote ao cumprimento do **PREVPAP** no que toca aos investigadores
3. A ideia peregrina de, para desenvolver a investigação, extinguir a carreira e só contratar docentes

**Queremos mesmo uma aposta
estratégica nacional na ciência,
como factor multiplicador
do desenvolvimento e do
reposicionamento do país
na Europa e no mundo?**

Se sim:

1. A **massa crítica** atingida é indispensável, o ponto de partida essencial para qualquer salto qualitativo.

É imprescindível **fixá-la**, **estabilizá-la** e, depois, **alargá-la** em função das necessidades e prioridades estratégicas.

Não há cientistas a mais. Para uma aposta estratégica são a menos – e os que se estão a formar serão necessários.

Se sim:

2. A **entrada no sistema** terá que ser justa em termos laborais e humanos, potenciadora do desenvolvimento das capacidades e fixadora, em vez de se basear na precariedade permanente.

É imprescindível adoptar um modelo de recrutamento de **tenure track**, com uma rigorosa avaliação, mas segundo regras claras e conhecidas para integração ou exclusão.

Se sim:

3. Terão que ser estabilizadas as **condições para programas de pesquisa** de fôlego e longa duração.

Tanto de **aplicação e desenvolvimento**, quanto ***ground-breaking*** e nos limites (ou para lá deles) dos paradigmas dominantes.

Quer nas ciências “**duras**”, quer nas “**sociais**”, quer nas “**tecnológicas**”.

Se sim:

4. É imprescindível uma consequente e estável **aposta financeira**, em meios humanos e investimento.

Mas os valores envolvidos num reforço estratégico eficaz serão sempre modestos no conjunto orçamental e com um potencial multiplicador muito maior do que em qualquer outra área.



A ciência agradece !